

Freud, psicanálise e religião

Elismar Alves dos Santos – IFITEG

Doutor em Teologia – FAJE – BH

E-mail: elismar01@yahoo.com.br

Fone: (62)3218-5502

Data de recepção: 04/08/2014

Data de aprovação: 12/08/2014

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a temática da religião em Freud. A história recorda que, após alguns escritos de Freud, sobretudo, algumas experiências religiosas passaram a ser questionadas por ter sido a experiência religiosa comparada à neurose obsessiva compulsiva defendida pelo pai da psicanálise. É de conhecimento que o referido autor escreveu, explicitando que a vivência religiosa se equipara a um núcleo de infantilismo e alienação. Porém, fala-se de uma análise inovadora e incontestavelmente original de Freud a respeito da psicodinâmica das crenças e emoções religiosas como uma contribuição definitiva ao estudo da religião.

Palavras-chave: Freud – Psicanálise – Religião – Neurose

1. Este texto é uma versão do capítulo: "Freud, psicanálise e religião". "p.39-47"

2. Todas as citações bibliográficas que contém duas datas, a primeira é considerada a publicação original do autor.

Introdução

O psicanalista Vergote (2001) ensina que sempre, na história das religiões, existiram pessoas que procuravam a prática religiosa com o objetivo de restabelecer a cura diante de alguma enfermidade. O Xamã, por exemplo, representava esta figura responsável em conferir a cura. Já Ribeiro (2004) e Lopez (2001), ao explicarem a ligação entre religião e psicologia, ressaltam que o ser humano deve ser visto na condição de um ente que carrega dentro de si o instinto da divindade.

Para o psiquiatra Francisco Lotufo Neto (2003), a religião, enquanto fenômeno, tem proporcionado vários benefícios para as pessoas: ela é importante para o tratamento de dependência de álcool e drogas. A religião ajuda no controle social, desencorajando desvios, delinquência, comportamentos autodestrutivos e harmonia familiar. De acordo com o psiquiatra, a religião consegue despertar no indivíduo o desejo de perdoar a si mesmo e aos outros. “A variável religiosa, por sua enorme influência na vida das pessoas, precisa ser levada em consideração na compreensão dos problemas, no entendimento epistemológico do paciente, na formulação de suas histórias e narrativas” (LOTUFO NETO, 2003, p. 300).

Os estudiosos ensinam que após alguns escritos de Freud (1907/1996) sobre religião, algumas experiências religiosas passaram a ser questionadas por serem comparadas à neurose obsessiva compulsiva defendida pelo pai da psicanálise. O referido autor explicou que a vivência religiosa se equipara a um núcleo de infantilismo e alienação. Porém, é pertinente observar que as determinações das dimensões do universo psíquico inconsciente defendidas pela psicanálise explicam alguns comportamentos tanto da vida psíquica, dita “normal”, como também da “patológica”, à luz dos escritos de Freud sobre o significado da religião na vida humana. Para desenvolver o tema proposto, recorreremos às principais obras de Freud que abordam o tema da religião: *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*; *Totem e Tabu*; *O Mal-Estar na Civilização*; *Uma Experiência Religiosa*; *O Futuro de uma Ilusão* e *Moisés e o Monoteísmo*.

1. Psicanálise e religião

A psicanálise sistematizou um método de conhecimento sobre o comportamento mental humano que revolucionou o conceito de pessoa ao longo dos tempos. A psicanálise freudiana impôs limites à autonomia plena da consciência na vida do ser humano. Ao apresentar a teoria de que existe um sistema inconsciente, ela defende, portanto, um novo meio de se fazer ciência. Esse novo meio de se fazer ciência é o de se aprofundar no desconhecido, investigar coisas que todos pensavam ser algo banal ou natural e ver que na vida dos seres humanos existem fatores predominantes que marcam profundamente a pessoa, fazendo com que ela seja influenciada e, muitas vezes, conduzida por experiências marcantes e, às vezes, traumáticas que surgiram no decorrer de sua existência (SANTOS, 2012, p.18). Freud criou com a psicanálise um estudo profundo do psiquismo humano. A psicanálise é, antes tudo, um método terapêutico perpassado por bases racionais para tratamento dos problemas psíquicos. A teoria psicanalítica está estruturada em vários fatores que foram importantes na elaboração de sua teoria. O próprio Freud os enumera:

Mais uma vez enumerei os fatores que contribuíram na constituição dessa teoria. São eles: ênfase na vida instintual (afetividade), na dinâmica mental, no fato de que mesmo os fenômenos mentais aparentemente mais obscuros e arbitrários possuem invariavelmente um significado e uma causação, a teoria do conflito psíquico e da natureza patogênica do recalque, a visão de que os sintomas constituem satisfação substituta, o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, e especificamente, dos primórdios da sexualidade infantil (FREUD, 1996, p. 246).

Os fatores descritos como peças fundamentais para a sustentação da teoria psicanalítica revelam que o ser humano é um ser de desejo em que o conteúdo mental e o fator sexual exercem

influência predominante em sua vida (FREUD, 1910/2010, p. 24-104). A psicanálise, de início, pode ser vista como um método de investigação e de tratamento de certas doenças, como a histeria, mas ela não ficou somente nesse ponto. As discussões feitas pelo pai da psicanálise, no âmbito da religião, sobre o impacto dessa variável na vida do ser humano ilustram essa afirmação. Os escritos de Freud despertaram no terreno da teologia, e de modo particular, para a teologia moral, diversas interrogações, não feitas diretamente por Freud, mas a partir dos impactos de suas descobertas acerca do funcionamento do aparelho psíquico:

[...] em geral, moralistas e teólogos não se sentiram muito dispostos a acolher o problema da 'falsa consciência'. Questões que devemos esclarecer, não postas por Freud, mas sim pelas descobertas feitas por ele e pelo que a psicanálise supõe como método de investigação dos processos inconscientes. (MORANO, 2003, p. 29).

No campo da psicanálise e da religião, Sigmund Freud se destaca por meio de seus escritos sobre religião. Demandas da clínica, segundo Schuler (2003), levaram Freud a refletir sobre a religião.

2. Atos obsessivos e práticas religiosas

Em *Atos obsessivos e práticas religiosas*, Freud (1907/1996) diz que há uma semelhança entre os atos obsessivos e a prática devocional. Essa semelhança está no fato de não existir distinção entre as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais: “um ato de defesa ou de segurança, uma medida protetora” (FREUD, 1907/1996, p. 114). Uma vez mais, ele percebe “a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (FREUD, 1907/1996, p. 116).

Todos esses comportamentos fazem parte de uma mesma classe, na qual se enquadram “pensamentos obsessivos; ideias obsessivas e impulsos obsessivos” (FREUD, 1907/1996, p. 109). A pessoa neurótica, para ele, é incapaz de renunciar a esta classe de comportamentos. Em outras palavras, o indivíduo não consegue se afastar deste ritual e, quando o faz, é incomodado pela ansiedade. Os atos obsessivos têm sua origem nos comportamentos cerimoniais. É daí que resultam os comportamentos obsessivos. No que tange à relação entre atos obsessivos e prática religiosa, Freud assegura que a semelhança se encontra nos escrúpulos conscientes da consciência (SANTOS, 2012, p. 26). Ou ainda, nas proibições e nas minúcias em que são executados os comportamentos. “A neurose, particularmente a neurose obsessiva, apresenta-se aos olhos de Freud como uma caricatura da religião; esta, por sua vez, como uma neurose coletiva, de acordo com o que ficou estabelecido na conhecida formulação de 1907” (MORANO, 2003, p. 43-44). Significa que a neurose obsessiva pode ser comparada a uma religião particular: a “neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (FREUD, 1907/1996).

3. Totem e Tabu

Já em *Totem e Tabu* (1913/1996), Freud sublinha que o totemismo é a expressão compulsiva e inconsciente do indivíduo. O totemismo foi definido por ele como uma instituição social e religiosa que existiu há muitos anos, mas que hoje foi substituída por formas mais novas e camufladas. São os atuais sistemas religiosos. O totemismo é, segundo o pai da psicanálise, um sistema que ocupa o lugar da religião, sobretudo em duas proibições: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do mesmo clã. O totemismo nessa ótica leva, portanto, à criação do tabu. O totemismo foi organizado como um sistema primitivo, tanto na perspectiva da religião, como da sociedade. Como sistema de religião, deixa transparecer que precisa existir a união mística do selvagem com o seu totem.

E, na condição de sistema de sociedade, compreende as relações que os homens e as mulheres do mesmo totem mantêm uns com os outros e com os membros de outros grupos totêmicos. “O totemismo, assim, constitui tanto uma religião como um sistema social. Em seu aspecto religioso, consiste nas relações de respeito e proteção mútua entre um homem e o seu totem. No aspecto social, consiste nas relações dos integrantes do clã uns com os outros e com os homens de outros clãs” (FREUD,

1913/1996, p. 112). Para Freud, a origem dos padrões sociais e morais, como também da religião, têm sua gênese nesse período totêmico. Uma vez que o animal passa a ser protegido por uma lei do clã, ninguém, portanto, poderá transgredir esta lei, pois todo totem é a expressão viva de uma reencarnação. Por isso, a proibição se estende também para a não prática de relações sexuais entre membros do mesmo clã. Tornou-se, portanto, tabu a lei que protege o animal totêmico. A segunda lei corrobora uma norma que efetiva a proibição do incesto.

4. O mal-estar na civilização

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1927/1996) enfatiza que a diferença entre a religião e a neurose obsessiva consiste, pois, em observar que a neurose é uma vivência individual, ao contrário da religião, que é uma prática universal. “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós, proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (FREUD, 1927/1996, p. 83). Em seu dizer, a solução para esse sofrimento para muitas pessoas está na religião. Diante do contexto de desespero, o indivíduo procura a “solução” para todo este sofrimento. E a forma de resolver esse dilema do sofrimento encontra-se, em suas explicações, na religião. Esta, por sua vez, confere esperança para as pessoas onde há tristeza. A religião é a responsável em apresentar soluções que nenhuma outra esfera da sociedade seria capaz de oferecer. Portanto, a maneira para o indivíduo se livrar do sofrimento e alcançar a felicidade está na vivência da religião, ressalta Freud. A religião é, para ele, nesta obra, uma vivência que encontra relação com a figura do pai. Esta relação será mais bem explicada logo abaixo.

5. Uma experiência religiosa

Freud (1927/1996) publicou outro artigo, intitulado *Uma experiência religiosa*, em que responde a uma carta de um médico, quando este lhe explicava seu processo de conversão. O médico, por sua vez, ficou preocupado com uma entrevista concedida por Freud quando perguntado acerca da realidade após a morte, cuja resposta foi: “não penso no assunto” (FREUD, 1927/1996, p. 175). O médico enviou-lhe uma carta, na qual relatava como se deu seu processo de conversão, dizendo que antes deste processo ter ocorrido em sua vida, ele apresentava dificuldades para crer em Deus e, pensava também que a doutrina do cristianismo já havia sido objeto de dúvidas para ele. A carta enviada a Freud (1927-1931/1996, p.175) dizia:

Certa tarde, ao atravessar a sala de dissecação, minha atenção foi atraída por uma velhinha de rosto suave que estava sendo conduzida para uma mesa de dissecação. Essa mulher de rosto suave me causou tal impressão que um pensamento atravessou minha mente. 'Não existe Deus; se existisse, não permitiria que essa pobre velhinha fosse levada a sala de dissecação'.

Freud (1927/1996, p. 177) responde dizendo que “a visão de um cadáver de mulher, nu ou a ponto de ser despido, recordou ao jovem sua mãe”. Em seu dizer, este ato despertou nele um desejo pela mãe em decorrência do complexo de Édipo. Freud associa esse episódio de Deus com a figura do pai do médico, enfatizando que essas duas ideias “pai” e “Deus” não haviam ainda se separados de sua vida. Compara o episódio a uma psicose alucinatória: “escutaram-se vozes interiores que anunciaram advertências contra a resistência a Deus” (FREUD, 1927/1996, p. 177). Portanto, Freud (1927/1996, p. 177) vê com dúvidas esse processo de conversão ao ressaltar que esse fato “se ligou a um evento determinado e específico”.

6. O futuro de uma ilusão

Na obra *O futuro de uma ilusão*, Freud (1931/1996) explica que a religião faz parte das experiências infantis. A criança forma em sua consciência uma imagem perfeita e angelical dos pais. Com o passar do tempo essa imagem muda. É preciso, portanto, encontrar outro substituto para o pai biológico e esse substituto é Deus. Os pais são seres perfeitos que jamais erram e, além do mais, têm como

tarefa crucial estabelecer proteção aos filhos, sobretudo o pai. Ao mesmo tempo em que os pais concedem segurança, os mesmos também podem punir. Diante do medo e da insegurança, os filhos sentem-se seguros, pois estão sob a proteção dos pais (SANTOS, 2012, p. 23). Com o passar do tempo, essa figura do pai vai deixando de existir na vida das crianças e elas passam a perceber que os pais são seres fracos, assim como elas.

O sentimento acerca dessa proteção deixa de existir. É preciso, portanto, assegura Freud, projetar algo equivalente à figura do pai. Esse ser equivalente que, por sua vez é um ser celeste, é tudo o que os pais não são. A maneira como esse Pai celeste age varia: ora pune, ora perdoa. É diante desse processo que ocorre ao longo da vida das pessoas, que Freud vê a religião como ilusão. “Avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação. Basta-nos que as tenhamos reconhecidas como sendo, em sua natureza psicológica, ilusão” (FREUD, 1931/1996, p. 41). Deus como ilusão significa alguma coisa verdadeira; o que nem sempre é verdade, mas é melhor acreditar que o seja. Porém, cultivar um sentimento de ilusão, não é um erro, lembra Slavutzky (2003), porque imaginar é preciso. “Mas quais foram os questionamentos propostos por Freud ao crente a respeito das relações deste com Deus? O Deus com o qual o homem se relaciona na oração seria, em primeiro lugar, um Deus construído sobre o terreno do ilusório” (MORANO, 1998, p. 17-18).

7 Moisés e o Monoteísmo

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (1939/1996) procura responder a uma pergunta intrigante: quem são os judeus? Levado por esta pergunta faz um estudo sobre a origem desse povo, a qual é também a sua. Trata-se também do fato de procurar conhecer a origem e educação semita, da qual ele próprio faz parte. Levanta algumas hipóteses sobre a origem de Moisés, no sentido de dizer que Moisés transmite para esse povo a ideia de aliança com Deus. Desse sentimento de pertença, nasce uma concepção ética e religiosa forte no meio desse povo, isto é, os judeus. Enfatiza que Moisés não era um judeu, mas um aristocrata que a lenda se encarregou de fazer judeu. Em seu dizer, Moisés era um simples egípcio que se serviu da religião egípcia, a qual estava fadada a se extinguir, sobretudo, com o declínio do faraó Amenhat IV. Defende que Moisés vê nessa religião uma nova possibilidade de transmitir para esse povo a imagem de um novo deus.

De politeísta passa a ser monoteísta. Para Freud (1939/1996), Moisés introduz na cultura desse povo, organizado por ele, um costume que era antigo no Egito: a circuncisão. Assim, Moisés transmite a ideia de aliança com Deus. Desse sentimento de pertença, nasce uma concepção ética e religiosa muito forte, como de fato, a raça escolhida, ou eleita. A circuncisão, para o pai da psicanálise, foi adotada por Moisés para mostrar que “era preciso submeter-se à vontade do pai, mesmo que esta lhe impusesse o mais penoso sacrifício” (FREUD, 1939/1996, p. 136). Lembra que se Moisés tivesse retirado a dimensão mística de seu projeto ficaria puramente seu lado humano, ao passo que isso não seria suficiente para conquistar a confiança de um povo.

Freud permaneceu ateu até o último momento de sua vida. Era, contudo, um ateu que precisava explicar a religião, deslindar seu poder emocional sobre a humanidade e compreender uma batalha com o grande líder de seu povo, Moisés, o homem de Deus. Fez isso criando, para sua satisfação, uma ampla explicação psicodinâmica para a crença humana em Deus. (RIZZUTO, 2001, p. 153).

8 Críticas e contribuições de Freud à psicologia da religião

Como ficou demonstrado, Freud (1907/1996) defende, em suas considerações acerca do papel da religião na existência humana, que, por exemplo, essa variável apresenta correlação com a neurose obsessiva. Os rituais, a seu ver, demonstram que as práticas religiosas podem ser comparadas aos comportamentos de indivíduos neuróticos. Percebe-se, portanto, o quanto os escritos de Freud na área

da religião são polêmicos. Suas críticas se voltam para os aspectos sociais da religião ou da experiência religiosa. Uma crítica que se pode fazer ao pai da psicanálise consiste em observar que em seus escritos dessa natureza não há interesse pelo aspecto espiritual da religião ou da religiosidade. Uma vez que defende a existência do *homo natura*, logicamente não haverá espaço para o debate espiritual e teológico em sua produção literária. Aliás, o escopo de seus escritos não se propõe a travar esse tipo de debate (SANTOS, 2012, p. 34).

Para Davi (2003), uma das críticas mais fortes da psicanálise em relação à religião está no fato de atribuir ao indivíduo uma vivência pautada no desespero quando criança. Essa experiência prolonga-se na vida adulta, em relação a Deus. Assim, a ânsia do indivíduo por Deus está associada à figura do pai, ou melhor, à necessidade de pai. De acordo com Freud, como evidenciado em seus escritos, a religião torna-se, portanto, uma ilusão perigosa. Devido à maneira como age na existência das pessoas, pois as leva a não dar crédito à ciência, ou até mesmo substituir a ciência pela religião.

Portanto, em seus escritos, Freud apresenta uma visão negativa acerca da religião. Esta, para ele, é um sistema que tolhe o indivíduo, sobretudo no âmbito da moral. Creio que uma das contribuições do criador da psicanálise no âmbito da religião consiste em alertar acerca dos perigos quanto à vivência fanática da religião. A história mostra que, nos países em que predomina o poder religioso sobre o civil, impera o fanatismo religioso. Este, por sua vez, desfavorece o crescimento das pessoas, pois todas as demais possibilidades emergem como ameaça ao poder religioso. Porém, o pai da psicanálise nem sempre concebeu a vivência da religião a partir da perspectiva negativa.

Freud também anunciou a conclusão de sua educação secundária com referência a Deus e à benigna Providência. Ele escreveu a Silberstein: 'Tomo a liberdade de informá-lo, por meio desta carta, que com o auxílio de Deus, passei em meu exame ontem, dia 9 de julho de 1873, e que me foi concedido um certificado de matrícula com distinção'. (RIZZUTO, 2001, p. 150).

Por isso, particularmente, tenho dificuldades na compreensão do ateísmo de Freud, pois:

A última referência conhecida de Freud a assuntos religiosos ocorreu no dia 22 de agosto de 1938, um mês antes de sua morte, quando, sob o título 'Descobertas, ideias, problemas', ele escreveu o que parece ser seu comentário final sobre religião: 'O misticismo é a autopercepção obscura da região exterior ao ego, do id'. (RIZZUTO, 2001, p. 155, 1941[1938], p. 300).

Considerações finais

Freud elaborou um número considerável de escritos na área da religião. Porém, sua proposta consistiu em defender a existência do *homo natura*. Trata-se, portanto, do homem sem necessidade de vivência da religião. Nesse contexto, os postulados de sua psicanálise defendem o nexos entre religião e neurose obsessiva compulsiva na estrutura de personalidade do ser humano. A religiosidade seria uma repetição do que o indivíduo em seu estado neurótico compulsivo geralmente realiza. É preciso acolher essas observações do pai da psicanálise não totalmente pelo viés negativo. Algumas práticas religiosas nem sempre favorecem o crescimento do ser humano. O que dizer, por exemplo, de práticas que, na verdade, reforçam a ideia de escrupulo na vida das pessoas? Ou ainda, aqueles que procuram a vivência da religião com o intuito de se esquivar dos reais problemas da existência?

A religião, inextricavelmente unida em seu nascimento aos sentimentos de culpabilidade, constitui o lugar onde ela pode nos armar as piores trapaças. A fé cristã pode também se converter em sua cúmplice e se aliar a seus elementos mais patogênicos. Desse modo, encerrada nos atoleiros do inconsciente, a fé pode converter-se num verdugo a serviço das

pulsões de morte, traindo assim o que há de mais profundo em sua mensagem de liberdade. (MORANO, 2003, p.167).

Sobre essas interrogações e tantas outras que poderíamos formular, acreditamos que a reflexão de Freud sobre esse tema apresenta uma contribuição valiosa: se uma experiência religiosa escraviza o indivíduo, a mesma precisa ser revista, por se equiparar a uma vivência e prática neurótica. Em relação às contribuições do pensamento de Freud ao estudo da religião, encerramos por aqui, com a seguinte reflexão:

A análise inovadora e surpreendentemente original de Freud a respeito da psicodinâmica das crenças e emoções religiosas é uma contribuição definitiva ao estudo da religião. Ligando as representações de Deus à figura paterna e os sentimentos religiosos a experiência e ao vínculo com o pai, Freud afirmou que o processo de desenvolvimento condiciona a crença religiosa. (RIZZUTO, 2001, p. 223).

Referências

- DAVI, S.N. *Freud e a Religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1927), 1996, vol. XXI p. 73-143.
- FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1931), 1996, vol. XXI p. 15-63.
- FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1939), 1996, vol. XXIII p. 15-150.
- FREUD, S. Atos Obsessivos e práticas religiosas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1907), 1996, vol. IX p. 107-117.
- FREUD, S. Uma experiência religiosa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1927), 1996, vol. XXI, p. 175-177.
- FREUD, S. Totem e Tabu e outros trabalhos. In: *Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Publicado originalmente em 1913), 1996, vol. XIII p. 21-163.
- FREUD, S. Uma breve descrição da psicanálise. In: *Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago 1996, vol. XIX.
- FREUD, S. *Psychologie de la vie amoureuse*. Paris: Payot & Rivages (Publicado originalmente em 1910), 2010.
- LOPEZ, M. A. Caminhos, pressupostos e diálogo: Comentários a “Esboço da Teoria do Desenvolvimento Religioso” de Amatuzzi. In: PAIVA, G.J. (Org.) *Entre Necessidade e Desejo*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 59-67.
- MORANO, C.D. *Orar Depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MORANO, C.D. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOTUFO NETO, Francisco. Religião, Psicoterapia e Saúde Mental. In: ABREU, C. N. (Org.). *Psicoterapias Cognitivas e Construtivistas: Novas Fronteiras da Prática clínica*. São Paulo: Artmed, 2003.

Freud, psicanálise e religião

RIBEIRO, J.P. Religião e Psicologia. *In: HOLANDA, A. (Org.). Psicologia, Religiosidade e fenomenologia.* São Paulo: Átomo, 2004, p. 11-36.

“RIZZUTO, A.M. *Por que Freud rejeitou Deus?* Uma interpretação psicodinâmica. São Paulo: Loyola, 2001”.

“SANTOS, E.A. *Psicologia da Religião: Direção espiritual e realização humana.* Goiânia: Scala, 2012”.

“SCLULER, D. O futuro de um diálogo. *In: WONDRACER, K.H.K. (Org.). O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião.* Petrópolis: Vozes, 2003”.

“SLAVUZKY, A. A Ilusão tem futuro. *In: WONDRACEK, K.H.K (Org.). O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião* (p. 111-118). Petrópolis: Vozes, 2003, p. 111-118”.

“VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião não ótica da Psicologia. *In: PAIVA, G.J. (Org.). Entre Necessidade e Desejo-Diálogo da Psicologia com a religião.* São Paulo: Loyola, 2001, p.9-25”.

Freud, psychoanalysis and religion

Abstract: This paper aims at investigating the issue of religion, according to Freud's view. After Freud, history has recalled that a few religious experiences have started to be questioned due to the fact that religious experience has come to be compared with obsessive-compulsive neurosis, as defended by the father of psychoanalysis. It is known that the author wrote that religious experience can be compared with a core of infantilism and alienation. However, it is said that there is an innovative, unquestionably original analysis in Freud's view about belief's psychodynamic and religious emotions as a definite contribution to the study of religion.

Keywords: Freud – Psychoanalysis – Religion – Neurosis

Freud, psicanálise e religião